

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

JOÃO VITOR BARBOSA DA SILVA

A DITADURA DO RELATIVISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

ANÁPOLIS

2021

JOÃO VITOR BARBOSA DA SILVA

## A DITADURA DO RELATIVISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Trabalho de conclusão do curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob orientação do prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

ANÁPOLIS

2021

## RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem acerca da cultura relativista impregnada na sociedade hodierna, à maneira de ditadura. Na abertura do mesmo, apresenta-se a verdade objetiva que é, por se, irrenunciável; contudo, o intento aqui não é discorrer sobre esta, mas colocá-la como “mártir” do relativismo, o qual possui Protágoras por genitor. Tem trato aqui do absolutismo relativista em face do relativismo absoluto que são dissonantes. A análise da ditadura do relativismo perpassa todo o ambiente filosófico, ético e religioso; ocasionando distorções em relação à dignidade da pessoa humana, bem como influências nefastas no ambiente familiar. A fim de contornar as consequências deste fenômeno, aponta-se um caminho que possui um destino bem diverso, deste que se percorre atualmente.

**Palavras Chave:** Relativismo. Verdade. Ditadura. Modernidade.

## **ABSTRACT**

The present paper makes an approach about the cultural relativism impregnated in today's society as a dictatorship. The opening of it, presents the objective truth, that cannot be denied, by itself; however, the purpose here it is not to talk about it, but to place it as a "martyr" of relativism, Which Protagoras was the first to present. It deals here with relativistic absolutism in view of absolute relativism, which are dissonant. The analysis of the dictatorship of relativism permeates the entire philosophical, ethical and religious environment, causing distortions regarding to the dignity of the human being as well as harmful influences on familiar environment. In order to avoid the consequences of this phenomenon, it points out a path that leads a destiny much different from the one we are currently taking.

**Keywords:** Relativism. Truth. Dictatorship. Modernity.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2</b>	<b>VERDADE E RELATIVISMO</b> .....	8
2.1	QUID EST VERITAS? .....	8
2.2	ABSOLUTISMO RELATIVISTA.....	10
2.2.1	O precursor .....	10
2.2.2	Relativismo Absoluto ou Absolutismo Relativista .....	11
<b>3</b>	<b>A DITATURA DO RELATIVISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO</b> .....	13
3.1	O EPITÁFIO DA VERDADE .....	14
3.2	A GUILHOTINA DA MORALIDADE INTRÍNSECA.....	15
3.3	A CÁTEDRA DO PLURALISMO RELIGIOSO.....	16
<b>4</b>	<b>A CULTURA RELATIVISTA</b> .....	17
4.1	PARADOXO .....	17
4.2	UMA OFENSIVA CONTRA A FAMÍLIA .....	18
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	20
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	21

## 1 INTRODUÇÃO

O mundo moderno transformou-se em um panteão dos novos deuses que tiveram sua gestação ao longo da história da humanidade, nasceram no século passado e hoje estão alcançando a puberdade. Assim como Poseidon, deus do mar e irmão de Zeus, deus do trovão, o relativismo, teoria filosófica baseada na relatividade do conhecimento, é irmão do subjetivismo, pois todo esforço do mesmo é uma tentativa de impor o sujeito diante de toda a realidade, é um ato de persistência desmedida e avarenta do eu diante de uma simples e modesta verdade objetiva. Este novo deus, embasa todos os costumes vigentes, estabelece os princípios concernentes à moda cultural e é causa de malefícios pertinentes em todos os âmbitos da vida social

O contexto moderno embebido de relativismo, está gradualmente convertendo-se em um ambiente hostil aos defensores da verdade, uma vez que, a tolerância assume novas conjecturas, metamorfoseando-se em um modo gentil e sutil de promover a subjetividade. A tolerância expande seu território a ponto de invadir o perímetro da intolerância, ou seja, a tolerância levada ao extremo transforma-se em intolerância, que, por sua vez, resulta em uma ditadura do relativismo, onde as pessoas são levadas, inconscientemente ou conscientemente, a tornarem-se promotoras da hipócrita diversidade.

O tema do relativismo vai ao encontro da situação presente na sociedade contemporânea, uma vez que se encontra um ambiente construído com um alicerce da promoção do sujeito frente ao objeto. Desde Descartes, tendo seu estopim com a Revolução Copernicana efetuada por Kant (REALE; ANTISERI, 2005), o mundo começou a resgatar os pressupostos da sofística. Assim, o cume das mudanças, iniciadas primeiramente no campo filosófico e estendidas ao âmbito cultural e social, encontra-se nos tempos atuais, nos quais não há mais referências concretas que dirigem os indivíduos. Estes, por sua vez, estão desorientados, perdidos, porque não conseguem confrontar e conduzir a sua existência pelo único caminho que existe.

O presente trabalho tem o escopo de apresentar a descrição do relativismo e a interferência do mesmo na sociedade vigente, à forma de uma ditadura. Demonstrar a permissividade desta corrente, bem como sua atuação direta em questões

cotidianas que envolvam tomada de posição a favor da vida e de valores perenes, são desejos que podem ser alcançados neste estudo, pois o mesmo, possui o intento de chamar a atenção para as predisposições para o relativismo que podem ser encontradas em cada membro do corpo social.

A fim de conquistar os devidos fins, fez-se uso de uma pesquisa descritiva bibliográfica consultando diversos autores, antigos e atuais, e revista. Toda fundamentação reportada à solução da questão sobre a verdade encontra-se sob a ótica tomista. A estrutura do trabalho é composta por três capítulos com subdivisões. Em um primeiro momento, apresenta-se o que é a verdade, visto que o objeto de ataque da corrente relativista é a verdade absoluta. Aparece, posteriormente, o precursor da filosofia relativista no mundo ocidental, Protágoras. Este personagem é caracterizado por ser o primeiro, dentre os sofistas, a realizar a modificação do objeto da filosofia grega nascente. A explicação do relativismo engloba uma distinção que se faz oportuno expor, uma vez que, a elucidação desta diferenciação proporciona uma melhor compreensão da atividade de índole relativista.

Após esclarecer acerca do relativismo, será exposto a sua práxis nos âmbitos epistemológico, ético e religioso. O relativismo tem o propósito de implementar a mentira, utilizando-se da dignidade da pessoa humana para se autojustificar, mas a mesma é omitida em prol do aborto que é a expressão mais perversa desta obstinação a favor do egoísmo. Os valores são ininterruptamente mudados, por não possuírem uma referência sólida para se apoiarem, o que provoca uma mudança inimaginável na vida social e, principalmente, na família.

Portanto, o relativismo com uma inócua prerrogativa de ocultar a verdade, que, por si, é um grande erro, acaba desmoronando todo o edifício da sociedade atual. À vista disso, a corrente relativista, promoveu, em prol da liberdade, um afastamento da verdade absoluta a fim de que se conduzisse a uma dinâmica a favor da tolerância. Contudo, não se esperava que a carência de algo sólido, concebesse não uma cultura tolerante, como era esperado, mas uma geração intolerante onde cada qual quer impor sua verdade como a única existente (ALVES, 2017).

## 2. VERDADE E RELATIVISMO

### 2.1 QUID EST VERITAS?

O evangelho de São João narra, durante o relato da Paixão, o encontro de Jesus com Pôncio Pilatos; este, em determinado momento do diálogo, pergunta àquele, dizendo-lhe: “o que é a verdade?”. Na continuação da narração, constata-se que não houve uma resposta, por parte de Jesus, à interrogação de Pôncio Pilatos, porque é necessário regressar ao capítulo quatorze do mesmo evangelho para encontrar a resposta. É exatamente neste mesmo capítulo que Jesus declara-se como o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6) e, portanto, a resposta para a pergunta de Pilatos era seu próprio interlocutor.

Jesus é a verdade, como narra o evangelista João, entretanto, a questão acerca da verdade, a nível filosófico, sempre foi estudada entre os filósofos; contudo, o filósofo que obteve um destaque a partir de uma sistematização legítima sobre o tema foi Santo Tomás de Aquino. O Doutor Angélico, no século XIII, formulou uma definição de verdade bastante conhecida, propagada e defendida entre os adeptos da filosofia; segundo o Aquinate: “a verdade é a adequação da coisa e do intelecto” (*veritas est adaequatio rei et intellectus*) (AQUINO, 2002, p. 360). Convém ressaltar, portanto, que a definição supracitada compete à verdade lógica, uma vez que esta é alicerçada na verdade ontológica (AQUINO, 1996).

Por meio da metafísica, sabe-se que um dos transcendentais do ente é a verdade, ou seja, todas as coisas possuem inteligibilidade, isto é, possuem a capacidade de serem conhecidas (FILHO, 2010). Esta capacidade do ente de ser inteligível se dá somente pelo fato do ente existir, quer dizer, por possuir um ser, uma existência, visto que “para S. Tomás de Aquino, dizer que uma coisa existe é o mesmo que dizer que é passível de ser conhecida: o ente e a verdade são distintas facetas do ser ‘*ens et verum convertuntur*’” (FILHO, 2010, p. 58, grifo do autor).

Também é por meio da metafísica que se tem o conhecimento de que os entes são compostos de ser e essência; e é pelo fato dos entes existirem na realidade, através do ser, que as coisas são passíveis de serem conhecidas, isto é, são inteligíveis. Entretanto, “as coisas naturais são verdadeiras na medida que se



assemelham às representações que estão na mente divina” (AQUINO, 2002, p. 359), portanto, a verdade ontológica consiste na adequação das coisas ao intelecto divino. A conformação que há entre as coisas e o intelecto divino é *per se*, ou seja, a coisa criada depende segundo seu ser do intelecto divino (AQUINO, 2002), senão houver tal equivalência não há verdade nos seres e, por conseguinte, haveria falsidade; todavia, “não há inadequação alguma entre o intelecto divino e as coisas, nem falsidade alguma pode haver no intelecto divino” (AQUINO, 2015, p. 171).

O conteúdo apresentado no parágrafo anterior é pertinente à verdade ontológica, pois esta é primordial para o entendimento da verdade lógica. Vê-se que a ação dos entes diante do intelecto divino é de passividade, mas defronte do intelecto humano assume uma atitude ativa ao ponto de “a verdade de nosso intelecto seja causada pela coisa” (AQUINO, 2002, p. 360). Assim sendo, quando mais o intelecto humano se conforma à coisa conhecida, mais verdadeiro ele se torna; desta maneira, a verdade encontra-se, principalmente, no intelecto (AQUINO, 1996). Todavia, “é necessário, portanto, que o intelecto em ato de conhecer seja verdadeiro tanto quanto nele se encontre a semelhança da coisa conhecida” (AQUINO, 2002, p. 361) e essa semelhança da coisa conhecida, de que fala Santo Tomás, é apreendida a partir do processo de abstração.

A conformação do intelecto humano passa pelo processo de abstração. As coisas materiais e singulares agem sobre os sentidos externos e por meio deles penetram ou se comunicam aos sentidos internos, os quais, por sua vez, formam os fantasmas que são imagens internas sensíveis das coisas percebidas (AQUINO, 2002). Atuando sobre esta imagem sensível ou fantasma, o intelecto agente realiza a abstração da espécie inteligível, a qual é recebida pelo intelecto possível e “então pode abstrair os universais das espécies inteligíveis e propriamente conhecê-los” (SCHERER, 2018, p. 112). Assim, partindo dos sentidos externos e internos forma-se a imagem sensível (fantasma) que, por sua vez, é convertida em imagem inteligível pelo intelecto agente e, por conseguinte, no intelecto possível, é produzida a espécie expressa inteligível.

É a partir da adequação do intelecto e da coisa, através da abstração, que se dá o conhecimento da verdade como diz Santo Tomás; “não é pelo fato de conhecer a essência da coisa que o intelecto apreende essa conformidade, mas quando julga

que a coisa assim é, como é a forma que dela apreendeu” (AQUINO, 2002, p. 361, adaptação nossa). Deste modo, o juízo é a expressão da verdade, pois o mesmo consiste em uma reflexão sobre o conceito obtido pela abstração a fim de formular uma afirmação ou uma negação a respeito da coisa conhecida (*Ibid*). Deve-se manifestar, também, que os entes se referem ao intelecto humano *per accidens*, uma vez que o ente se relaciona com intelecto humano por ser cognoscível (AQUINO, 2002).

Constatando, que a verdade lógica está fundamentada na verdade ontológica, nota-se que a ausência desta se dirige para a exclusão daquela. Na atualidade, o tema sobre a verdade é exposto como algo de subjetivo, pois não é mais uma inteligência divina, Deus, que cria as coisas segundo o seu desígnio de amor, mas é o ego de cada indivíduo que forma seu próprio mundo com suas verdades particulares. Onde não há Deus, não há verdade, mas unicamente um egoísmo narcisista que assume peremptoriamente o lugar do Criador a fim de elaborar as coisas de acordo com o gosto individual.

## 2.2 ABSOLUTISMO RELATIVISTA

### 2.2.1 O Precursor

Na Grécia Antiga, os filósofos pré-socráticos começaram a indagar acerca do princípio (*arché*) pelo qual todas as coisas possuíam sua origem e, pelo fato de pensarem que o princípio de tudo se encontrava no mundo físico, foram chamados de filósofos da *Physis*. Tales de Mileto dizia que a *arché* era a água; Anaxímenes, o ar; Heráclito, o fogo; Anaximandro, o infinito e assim percorre toda a filosofia pré-socrática em busca de uma causa do mundo material.

As conclusões da filosofia daquele período, não conduziram a uma resposta plausível e condizente sobre o princípio de tudo; ao contrário, as explicações formuladas por tais filósofos tinham chegado ao ponto de se anularem mutuamente (REALE, 2017). A partir desta realidade, “era fatal, que o pensamento filosófico deixasse de lado a *physis*, e deslocasse o próprio interesse para o outro objetivo” (REALE, 2017, p. 26, grifo do autor), o qual “foi, justamente, aquele que os naturalistas

descuidaram por completo, ou só marginalmente tocaram, vale dizer, *o homem e tudo o que há de tipicamente humano*” (*Idid*, grifo do autor). Assim, deu-se o início da especulação sofisticada, a qual tem, como eminente representante e considerado como o fundador do relativismo ocidental, Protágoras.

Protágoras afirmou que “O homem é a medida de todas as coisas, das que são pelo que são, e das que não são pelo que não são” (PLATÃO, *Teeteto*, 151 e-152 *apud* REALE, 2017, p. 34). O axioma deste filósofo é a magna carta do relativismo ocidental pois expressa a substituição do critério absoluto a respeito do verdadeiro e do falso para introduzir um critério relativo, ou seja, o homem individual (REALE, 2017). Protágoras lançou o alicerce do relativismo a partir da consideração do homem como medida de todas as coisas, isto é, o *homo mensura*. Contudo, deve-se dizer que Protágoras não é o fundador da ciência epistemológica, mas simplesmente exerceu uma influência notável para a gênese desta disciplina (REALE, 2017).

É necessário esclarecer que Protágoras, não estende toda a sua doutrina ao princípio do *homo mensura*, mas utiliza-o especialmente, para o ensinamento da sua obra educativa, a qual consiste explicitamente em tornar forte o argumento mais fraco (REALE, 2017).

### **2.2.2 Relativismo Absoluto ou Absolutismo Relativista?**

É comum considerar que o relativismo se caracteriza pela negação da verdade objetiva; identifica-o, portanto, como

A recusa de qualquer proposição de valor universal e absoluto. Sendo assim, tudo passa a ser relativo ao lugar, à época e demais circunstâncias nas quais o homem se encontra (HENRIQUE, 2018. p. 171).

Contudo, deve-se ponderar a respeito de duas perspectivas que, por si, são distintas, mas podem ser aproximadas para fomentar e alastrar, ainda mais, o espírito relativista na sociedade hodierna.

Uma das manifestações mais visíveis da corrente relativista no mundo atual é a afirmação de que “tudo é relativo”, porém, o que se entende por tudo? Ao submeter

este jargão a um exame crítico, descobre-se que o mesmo é contraditório por si mesmo, pois o próprio relativismo é relativo, uma vez que é impossível um relativismo absoluto em relação aos ditames da ciência teórica. Os relativistas absolutos negam a verdade apoiando-se em uma verdade, são contraditórios; o motivo pelo qual eles se enganam é por desconsiderarem:

Que a verdade é uma realidade primeira do nosso pensamento, quem nega a verdade afirma a verdade, ou seja, quem nega que ela exista já sabe o que ela é, e supõe que seja verdade que ela não existe – o que é uma contradição em termos. (ALVES, 2017, p. 34).

O absolutismo relativista, por sua vez, nega a verdade, afirmando que tudo é verdade, ou seja, afirma a não existência de uma única verdade em nome da tolerância, porque “um sistema democrático livre deveria ser, por natureza, um sistema de posturas relativistas que se entendessem entre si” (RATZINGER, 2016, p. 111). Não é conveniente, para a consciência moderna, asseverar a existência de uma única verdade, pois possuir uma atitude semelhante fere os princípios de liberdade e dignidade da pessoa humana.

Deve-se admitir que constantemente seja necessário aceitar a existência de uma verdade a fim de oferecer solidez à sociedade e um critério pelo qual as pessoas se orientem. Vê-se que não ocorre um relativismo absoluto, mas um absolutismo relativista no qual tenta-se substituir o critério de verdade fazendo “com que a verdade e o bem sejam fruto das concepções de cada um e não de uma realidade objetiva independentemente do homem” (FILHO, 2010, p. 69, grifo do autor).

### 3 A DITATURA DO RELATIVISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A mudança na concepção gnosiológica do ser humano, operada pela Revolução Copernicana de Immanuel Kant (REALE; ANTISERI, 2005) e a apropriação inadequada da física de Einstein (PINHERO, 2021) foram os progenitores do relativismo. A cultura hodierna foi a responsável pelo seu desenvolvimento, até culminar na fase adulta, onde assumiu à maneira de uma ditadura. Esta, por sua vez, que é descrita especialmente como a imposição do eu, impregnou-se na mentalidade atual e propagou-se com tamanha velocidade que suas implicações são perceptíveis a nível gnosiológico, ético e religioso.

Em nível epistemológico e concernente à concepção da verdade apresentada por Santo Tomás de Aquino, o relativismo declara que a verdade ontológica não é admissível, visto que é o sujeito que concebe a realidade segundo os ditames de sua consciência, quer dizer, a realidade não é mais contemplada, mas transformada segundo os propósitos do intelecto humano (HESSEN, 1980). Deste modo, a raiz do relativismo encontra-se em um subjetivismo que restringe a veracidade das coisas criadas a fim de conquistar uma liberdade irrestrita que é tomada como o fruto maduro deste organismo moderno. Portanto, ao saborear de tal fruto, a comunidade atual encarna vivamente o axioma de Protágoras.

No âmbito ético, a corrente relativista realiza um holocausto: a verdade é imolada peremptoriamente no altar da liberdade. Os atos humanos não são regidos por uma norma objetiva, universal e imutável<sup>1</sup>, mas são fixados pelo indivíduo consoante sua vontade e em nome da sua liberdade (FAUS, 2017). A única *regula morum* que os relativistas seguem é o jargão contemporâneo no qual se diz: a liberdade de uma pessoa termina, quando começa a de outra. Sendo assim, a ética passa de uma ciência normativa, para uma ciência descritiva, “pois se a ética fosse somente descritiva, os filósofos poderiam *falar sobre* as diversas culturas, mas não *falar com elas*” (ALVES, 2017, p. 50, grifo do autor).

Se na ética a verdade era sacrificada em favor da liberdade; no contexto religioso, a verdade é renunciada em prol da tolerância e do diálogo. Atualmente, sob

---

<sup>1</sup> Como a Lei Moral Natural que contém todas estas propriedades e é a base para a formulação das leis positivas humanas.

influência direta do relativismo, é classificado como intolerante a asserção sobre a existência de uma única religião pela qual se encontra a salvação, pois para os simpatizantes do pluralismo religioso, Deus queria, de maneira positiva, as religiões não cristãs a fim de que houvesse novos caminhos pelos quais os homens se unissem a Ele e recebessem a salvação, independentemente de Cristo (RATZINGER, 2016).

Vê-se que a liberdade, a tolerância e o “diálogo”, são os novos critérios que regem a convivência humana a partir de uma mentira. Segundo a consciência moderna, a verdade é obsoleta e violenta e não há espaço para realidades que maculam, por assim dizer, a dignidade humana, visto que é justamente nesta mesma dignidade que se apoia o critério de veracidade para os modernos (ALVES, 2017). O diálogo sofre uma transformação que se constata em muitos ambientes da sociedade, especialmente no que concerne à religião, não é mais uma comunicação, mas um anivelar das opiniões discutidas.

### 3.1 O EPITÁFIO DA VERDADE

O conhecimento, no período clássico e medieval, é marcado especialmente pela adequação do intelecto humano à coisa, isto é, a potência intelectual humana deve possuir uma atitude passiva e receptiva em relação à coisa, ao ente; pois era mediante este que aquele conhecia. (AQUINO, 2002). Contudo, a partir da filosofia moderna, especialmente em Immanuel Kant, ocorreu uma mudança nesta relação entre o sujeito cognoscente e a coisa conhecida: agora é aquele que determina este (REALE; ANTISERI, 2005) e a verdade objetiva foi convalescendo-se até a morte.

Conta-se que seis cegos tiveram a oportunidade de tocar em um elefante pela primeira vez, cada um obteve o contato com uma das partes do animal. Interrogados acerca da descrição do que podia ser um elefante, cada cego foi apresentando sua opinião tendo como base a experiência que havia feito; posteriormente, começaram uma discussão, entre os mesmos, porque as conclusões eram diversas. Cada membro do debate defendia irrevogavelmente sua posição e desconsiderava as demais; a desavença foi aumentando exponencialmente ao ponto de iniciar um confronto entre os cegos, pois todos eram infalíveis em suas considerações (CARNEIRO, 2018).

Vê-se, a partir da parábola budista apresentada, a representação da situação vigente no mundo vigente, no qual cada um defende a sua parte em detrimento do todo objetivo. O interesse pela realidade não é mais requerido, já que a mesma é confeccionada segundo a vontade daquele que conhece, ou seja, a realidade não é objeto de contemplação, mas de verificação. O cientificismo atual se inclina em direção à explicação de todos os fenômenos naturais através da mensuração de tudo o que é material, todavia, desapareceu do âmbito científico a indagação sobre o ser das coisas (LIMA, 2019). Portanto, o relativismo, com seu giro na concepção da verdade, introduziu uma ciência puramente material, sem metafísica.

### 3.2 A GUILHOTINADA NA MORALIDADE INTRÍNSECA

A ética utiliza alguns princípios metafísicos para dirigir os atos humanos ao bem honesto, um destes princípios afirma que todo ente é verdadeiro e bom, ou seja, que ente e verdadeiro são convertíveis, assim como ente e bem (GANDRA, 2010). De fato, “existem atos que por si mesmos e em si mesmos, independentemente das circunstâncias e intenções, são sempre gravemente ilícitos, em virtude de seu objeto” (CIC, 2017, n. 1756, p. 477). Estes atos são considerados bons ou maus de maneira intrínseca, independente da moda vigente na sociedade ou até mesmo das leis do estado. Assim, a ética não é só uma regra imposta extrinsecamente, mas intrinsecamente.

A negação da inteligibilidade do ente conduz ao relativismo gnosiológico, a negação da moralidade intrínseca leva ao relativismo moral, pois não dizer que existe atos humanos que por si são maus ou bons, significa asseverar uma liberdade exacerbada que tem limites somente na lei positiva humana, a qual, nem sempre é fundamentada na lei moral natural. Desta forma, não há mais um critério objetivo para a regra moral, mas unicamente um parâmetro subjetivo, pois o ato em si não carrega consigo uma bondade ou maldade internas, mas é o indivíduo que julga acerca dos seus atos; desde modo, a regra moral é substituída por uma subjetividade (JOÃO PAULO, 2011).

Diante desta conjectura, a liberdade é transfigurada em libertinagem e esta é defendida vigorosamente sob o título daquela. A lei moral natural não pode ser

considerada como um pressuposto básico para as leis positivas, pois os prosélitos da mentalidade relativista asseveram que a única regra vigente é o respeito que usurpa a verdade em prol da mentira (ALVES, 2017, p. 61). Logo, a ética, vista com os olhos da contemporaneidade, é conceituada como sendo um manual de boas maneiras do que uma ciência que orienta os atos humanos (ALVES, 2017, p. 50).

### 3.3 A CÁTEDRA DO RELATIVISMO RELIGIOSO

O pluralismo religioso é um fenômeno da sociedade contemporânea que se converteu progressivamente em um espiritualismo, o qual tornou-se um evento com proporções universais, visto que hoje não se fala de religião, mas de espiritualidade<sup>2</sup> (KREEFT, 2017). Estas pessoas espiritualizadas não consideram a religião como algo a ser rejeitado, pelo contrário, são adeptas de algumas profissões religiosas, a maioria considera-se cristã, mas não toleram “a crença numa verdade válida e vinculante para todos” (RATZINGER, 2016, p. 113). Portanto, o critério não é conformar-se à verdadeira religião, mas estar inserido em uma das várias religiões, pois todas estão no mesmo patamar, sem distinguir e absolutizar nenhuma.

---

<sup>2</sup> Fala-se de espiritualidade não no sentido cristão, mas como sinônimo de espiritualismo.



## 4 A CULTURA RELATIVISTA

O pressuposto básico para a negação da existência da verdade objetiva pelos relativistas é a afirmação da liberdade incondicional como fundamento para o direito irrenunciável de felicidade, sem considerar os meios utilizados para granjear tal objetivo.

### 4.1 PARADOXO

Em alguns casos, aqueles que se declaram a favor das teses relativistas, propagam que se dois homens possuem opiniões contrárias não se deve contestar as mesmas, pois ambas devem ser consideradas como verdadeiras, visto que ambos compartilham da mesma dignidade (ALVES, 2017). Não é conveniente, segundo os relativistas, quando há opiniões opostas, realizar um juízo pelo qual se declara a ideia verdadeira e a falsa. Vê-se que o critério para a verdade não é a conformação com a realidade, mas com a dignidade da pessoa.

Todavia, a dignidade do ser humano, utilizada como medida para a verdade pelos relativistas, é atacada de forma assustadora pelos mesmos, quando impõem que a escolha da vida cabe a pessoa individual, no caso do aborto. Este, é a manifestação de uma constante promulgação da vontade individual diante da realidade, a qual é transfigurada de acordo com o direito “que eles exigiriam e vêm praticando há uma geração: o direito de assassinar seus próprios filhos e filhas ainda não nascidos” (KREEFT, 2017, p. 85).

O ser humano, conforme expõe a antropologia filosófica, não é somente matéria, e tampouco, alma; mas uma unidade substancial de corpo e alma. O mundo relativista ignora esta verdade e reduz o ser humano, desde a sua concepção, a um conglomerado de células; assim sendo, o embrião é considerado como parte do corpo da mãe; algo, não alguém, que esteja sob a tutela da mesma, que repousa sobre a sua decisão de continuar ou não com a gestação (PINHEIRO, 2021). A asserção de que o embrião, em seu estado de desenvolvimento, não é denominado pessoa, conduz a alegação, apoiando-se em um princípio jurídico, de que não há respaldo na lei para a proibição do aborto (FRANCA, 2019). Tais asserções sustentam-se no fato

de que “na terminologia *jurídica*, pessoa designa o detentor de direitos” (FRANCA, 2019, p.146), portanto, se o embrião não é pessoa, logo, não há o direito à vida.

Sustentar a verdade sobre a dignidade da vida humana é um pressuposto indeclinável para a sobrevivência da própria humanidade. Deveras, “o desejo da verdade pertence à própria natureza do homem” (JOÃO PAULO, 2017, p. 7 n. 3), contudo, ao dissimular a verdade, em prol da sua vontade sobrejamente egoísta, a natureza humana é peremptoriamente pervertida, culminando no “bruxulear efêmero de uma consciência, que se afirma entre dois silêncios eternos” (FRANCA, 2019, p.156). Portanto, o aborto é um movimento que parte do sacrifício da verdade, em sufrágio da vontade individual, apoiando-se em argumentos falaciosos e dúbios para alcançar a liberdade.

#### 4.2 UMA OFENSA CONTRA A FAMÍLIA

A ausência de um critério moral objetivo que dirija os atos humanos, conduzindo-os a um fim último, o qual é intrínseco à natureza humana, acarreta numa série de distúrbios, porque não os chamar de patologias, no comportamento humano. É evidente que a centralização no eu não promove muitos benefícios, sendo que ocorre, deveras, uma autêntica esquizofrenia nos hábitos humanos, os quais, por sua vez, são governados por vários ventos de ideologias que conduzem o ser humano a estar em constante mudança. É justamente este estado de mudança frequente que é a causa pela qual os valores sejam modificados regularmente, em vista de um contentamento universal.

A existência de uma hierarquia de valores é suprimida por um fluir permanente de convicções que, em última consequência, conduz a inversão dos mesmos. Esta transição é perceptível na descrição da essência de uma realidade, isto é, no momento de definir a quiddidade de algo; um exemplo do que foi supradito é a ressignificação do termo “família” que está, por assim dizer, adaptado às circunstâncias atuais a fim de aceitar toda forma de união entre os indivíduos (AUGUSTO, 2014).

Segundo a concepção moderna, a família não se restringe somente à perspectiva cristã, mas abrange os vínculos que se baseiam exclusivamente no afeto; em outras palavras, a família converteu-se em um local onde todos os membros

devem ter suas necessidades respondidas a fim de garantir autonomia de si a partir dos demais (AUGUSTO, 2014). As pessoas pretendem “introduzir o outro no seu projeto de vida, em vez de tentar contribuir com o outro num projeto construído em comum” (CIFUENTES, 2018, p.127), desta forma, a família transformou-se em meio para o contentamento pessoal. A partir desta constatação, justifica-se os variados tipos de famílias, os quais são embasados exclusivamente em um sentimento.

Em vista desta estrutura familiar apresentada anteriormente, as relações, entre pessoas do mesmo sexo, cresceram exponencialmente sob o título de “família”. Em 2018, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de uniões entre pessoas do mesmo sexo cresceu 61,7% em comparação com o ano anterior, passou de 5887 uniões formais registradas em 2017 para 9520 realizadas em 2018 (BARROS, 2019). Vê-se, desta forma, que o conceito de família, para os relativistas, não é arraigado a uma herança fundamentada na verdade e que perpassa os séculos, mas que é volúvel e se molda em conformidade com as construções sociais de cada época a fim de garantir um ambiente onde o gosto pessoal seja respeitado e protegido por lei.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea, como nenhuma outra que já tenha existido na história da humanidade, trabalha paulatinamente a favor da igualdade, do respeito e da tolerância entre seus membros, contudo, este labor, que por si é muito louvável, é sustentado às custas do massacre contra a verdade. Esta é tratada com vilipêndio uma vez que, para a cultura atual, liberdade é sinônimo de libertinagem. Este absolutismo relativista é o carro chefe deste comportamento que é em si paradoxal, insustentável e divergente.

A investida contra um parâmetro objetivo que rege as questões filosóficas, morais e religiosas é um bombardeio contra aqueles mesmos valores aos quais a contemporaneidade empenha-se em proteger. Assim, renunciando à verdade encontra-se a falsa liberdade e todo esforço em mascarar a mentira com tons de verdade torna-se estéril, pueril e incongruente uma vez que a verdade defende a si mesma. Contudo, é necessário, nos tempos hodiernos, possuir a máxima coragem para defender a máxima verdade.

É justamente esta autodefesa que se apresenta como uma provável solução para o problema em questão bem como a resolução de salvaguardar a verdade objetiva, pois é a partir do retorno à realidade por meio da reflexão que é possível uma mudança na percepção da mesma, visto que esta é, atualmente, nem considerada como concreta. A autodefesa está fundamentada propriamente nesta retomada da realidade, posto que os entes, ou seja, aquilo que é, e a verdade são convertíveis, portanto, acolhendo a realidade germina-se a verdade.

Convém ressaltar que enquanto esta volta da consciência acontece e, de fato, está acontecendo é imprescindível a capacidade de acoplar a verdade com a caridade. Ambas podem ser comparadas às duas pernas do ser humano, pois não é, geralmente, viável a sustentação do mesmo na ausência de um dos membros inferiores senão houver algum apoio apropriado. Havendo caridade sem a verdade, aquela deixa de ser autêntica para tornar-se um mero capricho humano e, no caso contrário, a verdade não é acolhida, mas reprimida. Portanto, deve-se, diante da conjectura vigente, possuir uma conduta a favor da verdade, mas sem ausentar a caridade a fim de que a genuína liberdade seja promovida e defendida no ambiente social.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Anderson M. R. **Ateísmo e relativismo: É possível conciliar?**. 1. ed. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e ciência “Raimundo Lúlio”, 2017.
- AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**. Vol. I. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**. Vol. II. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- AQUINO, Tomás. **Suma contra os Gentios**. Vol. I. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- AQUINO, Tomás. **Questões Disputadas sobre a Verdade**. Coleção os pensadores. Tradução de Luiz João Baraúna. 1. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- AUGUSTO, Luiz Fernando. **A evolução da ideia e do conceito de família**. 2014. Disponível em: <<https://advocaciapa.jusbrasil.com.br/artigos/176611879/a-evolucao-da-ideia-e-do-conceito-de-familia>>. Acesso em: 06 de ago. 2020.
- BARROS, Alexandre. **Casamentos homoafetivos crescem 61,7% em ano de queda no total de uniões**. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26192-casamentos-homoafetivos-crescem-61-7-em-ano-de-queda-no-total-de-unioes>>. Acesso em 29 de set. 2020.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 12. Impr. São Paulo: Paulus, 2017.
- CARNEIRO, Alfredo. **Os cegos e o elefante: um paralelo com René Descartes**. 2018. Disponível em: <<https://pensarcontemporaneo-com.cdn.ampproject.org/v/c/os-cegos-e-o-elefante-um-paralelo-com-rene-descartes>>. Acesso em: 01 de ago. 2020.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola e Edições CNBB, 2017.
- CIFUENTES, Rafael Llano. **A maturidade**. 2. ed. São Paulo: Quadrante, 2018.
- FAUS, Francisco. **A conquista das virtudes**. 1. ed. São Paulo: Cultor de livros, 2017.
- FILHO, Ives Gandra Martins. **Manual Esquemático de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: LTr, 2010.
- FRANCA, Leonel. **A crise do mundo moderno**. 1. ed. Campinas: Ecclesiae, 2019.

HENRIQUE, Luiz Brandão. O poder da verdade na sociedade relativista: nos 25 anos da carta encíclica *Veritatis splendor*. **Sapientia Crucis**, v. 1, n. 19, jan.\dez., 2018.

HESSEN. Johannes. **Teoria do conhecimento**. 7. ed. Coimbra: Arménio Amado, 1980.

KREEFT, Peter. **Como vencer a guerra cultural**: Um plano de batalha cristão para uma sociedade em crise. 1. Ed. São Paulo: Ecclesiae, 2017.

LIMA, Vanderlei. **Ciência é diferente de cientificismo**. 2019. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2019/03/12/ciencia-e-diferente-de-cientificismo/amp>>. Acesso em: 07 de nov. 2020.

PAULO II, João. **Carta encíclica *Fides et Ratio***. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2017. n. 3

PAULO II, João. **Carta encíclica *Veritatis Splendor***. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. n. 79-81.

PINHEIRO, Victor Sales. **A crise da cultura e a ordem do amor**: ensaios filosóficos. 1. ed. São Paulo: É realizações Editora, 2021.

RATZINGER, Joseph. **Fé, Verdade, Tolerância**: O cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2016.

REALE, Giovanni. **Sofistas, Sócrates e Socráticos menores**. Vol. II. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

REALE, Giovanni.; ANTISERI. Dario. **História da Filosofia**: de Spinoza a Kant. Vol. 4. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

SCHERER, Daniel C. **A raiz antitomista da modernidade filosófica**. 1. ed. Formosa: Edições Santo Tomás, 2018.